

O PERFIL DO JOVEM ADULTO NA INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO DE VESTUÁRIO EM CIANORTE - (2004-2014); DO LOCAL PARA O GLOBAL UMA DIALÉTICA NECESSÁRIA.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ –UNESPAR – Campo Mourão
Mestrado Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento – PPGSeD/Unespar

Mestrando Rangel Max Lima Vidal
rangeldrums@hotmail.com

Orientador: Dr. Renan Bandeirante de Araújo

Resumo: O projeto tem por objetivo pesquisar o jovem adulto (indivíduo entre 14-35 anos), que está inserido no contexto da indústria de confecção do vestuário do município de Cianorte, traçando um paralelo comparativo com o perfil de trabalhadores de centros industriais desenvolvidos tal qual o novo perfil metalúrgico do ABC após o processo de reestruturação produtiva iniciado na década de 1990, com o modo de vida “just-in-time” do metalúrgico jovem adulto flexível propriamente dito. Dessa forma é necessário aprofundar o conhecimento acerca das características dessas indústrias e traçar um perfil da composição operária dando ênfase a figura do jovem adulto, no intuito de responder á alguns problemas concernentes a dificuldade com a mão de obra no setor produtivo. Para isso nos atentamos para a relação contraditória dos interesses das indústrias e a perspectiva de seus trabalhadores, sobretudo dos jovens que proporcionam situações desafiadoras aos industriais. Buscamos também inserir a pesquisa regional em um contexto global, para demonstrar a importância e as conexões inerentes ao fenômeno da globalização.

Palavras-chave: Jovem; Indústria; Cianorte; Local; Global.

1. Do Local ao Global uma dialética necessária.

O presente trabalho é parte constitutiva da pesquisa proposta ao programa de pós-graduação Mestrado Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná campus de Campo Mourão, sob o título “O perfil do jovem adulto na indústria de confecção de vestuário em Cianorte (2004-2014)”, orientado pelo Professor Dr. Renan Bandeirante de Araújo.

Entre as perspectivas do trabalho estão a de traçar um perfil da indústria de confecção de vestuário de Cianorte bem como de seus trabalhadores, principalmente no que tange a formação desses indivíduos e sua colaboração conjunta para o desenvolvimento regional. Há também a ânsia de entendermos alguns problemas relacionados ao déficit de mão de obra que vem ocorrendo no setor á alguns anos. Essas pretensões não totalizam o intuito do trabalho mas são partes componentes do mesmo e de grande fundamentação para compreendermos a complexidade deste setor na região noroeste do Paraná .Assim essas análises não podem estar desconexas da realidade nacional nem tão pouco da realidade global , pois neste texto demonstraremos como regiões distintas do país e que abrigam considerável parte da indústria

de confecção de vestuário nacional estão passando por situações similares as que já foram previamente diagnosticadas na indústria cianortense e ainda a influencia gritante de mercados como chineses e indianos em todo esse arranjo produtivo nacional.

Ao concentrarmos nossas discussões para a mão de obra propriamente dita a realidade também se mostrará de forma a se confundir entre as distintas regiões tamanha similaridade, e além disso estaremos em constante diálogo com a obra do Professor Dr. Renan Bandeirante Araújo “O novo perfil Metalúrgico do ABC: um estudo sobre o trabalho e o modo de vida “just-in-time” do metalúrgico jovem adulto flexível (1992-2008), para compreender algumas expectativas de jovens trabalhadores em faixa etária parecidas mas pertencentes a diferentes setores produtivos nacionais, nos atentando sobre tudo às diferenças .

Um dos grandes desafios de um programa de pesquisa regional bem como do próprio projeto é justificar a sua importância e situa-lo no âmbito nacional e até mesmo global. Para tornar essa tarefa possível estaremos nesse tópico adotando uma perspectiva e diálogo com o autor Antony Giddens, sociólogo britânico que tem norteado calorosas discussões acerca do que ele chamou de “alta modernidade” e suas ferramentas globalizantes na relação dialética entre o local e o global, entre o “eu” e as instituições sociais. Segundo o autor:

“O “eu” não é uma entidade passiva, determinada por influências externas; ao forjar suas auto identidades, independentes de quão locais sejam os contextos específicos da ação, os indivíduos contribuem para (e promovem diretamente) as influencias sociais que são globais em suas consequências e implicações. (Giddens, p.09)

Com as constantes revoluções tecnológicas decorrentes a partir da década de 80 e 90, fins do século XX, sobretudo com o advento da internet em escala global e a intensificação das relações entre diferentes estados-nação, é possível discutir o quanto essa relação entre o eu e as instituições sociais de influencias, já não se trata tão somente de uma cultura se exercendo sobre a outra, mas também de uma troca constantes de características em que alcançado um determinado tempo de duração veremos a influência de um sobre o outro e vice versa, ainda que guardada as devidas proporções, o certo é que ambos saíram transformados da relação, devido é claro a relação dialética, que ocasiona a assimilação de características do *global sobre o local e do local sobre o global*. Vejamos outro trecho da obra de Giddens:

“Entretanto, de modo geral, o conceito de globalização é melhor compreendido como expressando aspectos fundamentais do distanciamento entre tempo e espaço. A globalização diz respeito á interseção entre presença e ausência, ao entrelaçamento de eventos e relações sociais “a distância” com contextualidades locais. Devemos

captar a difusão global da modernidade em termos de uma relação continuada entre o distanciamento e a mutabilidade crônica das circunstâncias e compromissos locais. [...] a globalização tem que ser entendida como um fenômeno dialético, em que eventos em um pólo de uma relação muitas vezes produzem resultados contrários em outro. *A dialética do local e do global* é um dos principais argumentos empregados neste livro.”(Giddens, p.27).

Para compreender essa relação dialética do local e global para Giddens, como foi dito um pouco acima é necessário assimilar a importância da mídias em geral, nesse processo de globalização, que permeia a construção da vida humana em sua totalidade.

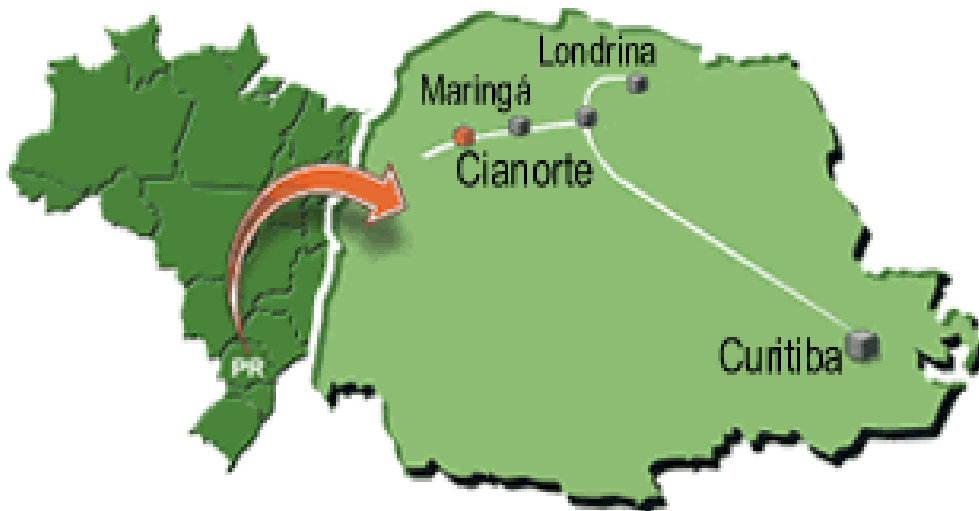
“Uma segunda característica da experiência transmitida pela mídia nos tempos modernos é a *intrusão de eventos distantes na consciência cotidiana*, que é em boa parte organizada em termos da consciência que se tem deles. Muitos dos eventos relatados no noticiário, por exemplo, podem ser experimentados pelo indivíduo como exteriores e remotos; mas muitos também se infiltram na atividade diária. A familiaridade gerada pela experiência transmitida pela mídia, pode talvez, com frequência, produzir sensações de “inversão da realidade”: o objeto ou evento real, quando encontrado, parece ter uma existência menos concreta que sua representação na mídia. Além disso, muitas experiências que podem ser raras na vida cotidiana (como o contato direto com a morte e os moribundos) são encontradas rotineiramente na representações midiáticas; [...] Em suma, nas condições da modernidade os meios de comunicação não espelham realidades, mas em parte as formam”. (Giddens p. 32/33).

A inserção de Giddens e a discussão acerca da relação dialética entre o local e o global se faz necessária para compreendermos as colocações acerca da realidade do objeto dessa pesquisa, o setor industrial de confecção de vestuário de Cianorte e como essa realidade está constantemente interagindo com o cenário nacional e sendo influenciada pelo cenário global, proporcionando a essa proposta e pesquisa uma maior importância e fundamentação teórica.

2. Indústria de Confecção em Cianorte, gênese e desenvolvimento.

A cidade de Cianorte foi fundada em 1953 pela Companhia Melhoramento do Norte do Paraná, e se tornou ao longo de sua história em umas das cidades mais importantes para região noroeste, onde está situada, juntamente com Paranaíba e Umuarama. Sua população em 2010 era de 69.958 habitantes com estimativa de chegar a 75.360 hab. em 2013 (IPARDES 09/2013). Até a década de 1970, a atividade cafeeira que predominava a região foi o propulsor

do desenvolvimento econômico do município. A partir desse período a baixa nas exportações e a chamada “geada negra” ocasionaram a erradicação dos cafezais e conseqüentemente a necessidade de um rearranjo no setor produtivo para o possível desenvolvimento de toda região.



<http://cianorte.pr.gov.br/pagina.php?codigo=1&title=Dados+Gerais+do+Municipio>

É ao final do século XX que esse processo de reconstrução do setor produtivo do município de Cianorte toma a forma estrutural que perdura até os dias atuais (2014):

“A análise da dinâmica funcional de Cianorte, no final do século XX, e sua atual reinserção na rede urbana do norte do Paraná passam obrigatoriamente pelo entendimento do setor industrial, setor em que o gênero das indústrias de confecções e artigos do vestuário é o mais expressivo. O *slogan* “capital do vestuário”, criado pela administração pública municipal na gestão do prefeito Jorge Moreira da Silva (1983-1988) é apenas um dos indicativos da importância que tal gênero assumiu, tanto pelo número de empresas presentes, quanto pelo número de empregos gerados, pela participação na arrecadação municipal, pelo movimento no comércio local, dentre outros.” (Fresca,p.324).

É necessário entender que foi o setor industrial do ramo de confecção que realmente possibilitou um desenvolvimento econômico ao município o tornando de suma importância para a região e para o estado do Paraná. Em outro trecho de seu trabalho, a autora Tania Maria fresca, analisa quantitativamente a importância do setor de confecção de vestuário para o município e sua representatividade estadual no ano de 1998:

“Em 1998, Cianorte contava com 311 estabelecimentos industriais de vestuário, calçados e artigos de tecidos – dentre os quais, os estabelecimentos de calçados eram de pequena expressão. Esse número correspondia a 62,07% do total de estabelecimentos

industriais presentes na cidade (Paraná, 1998i); gerava cerca de 7 mil empregos (A.N. W.V.); o gênero movimentou durante a Feira Exposição do Vestuário – Expovest em 1998 cerca de US\$ 6.000.000,00 em vendas (A.N); os estabelecimentos industriais geravam em média a produção de 2,5 a 3 milhões de peças/mês, oscilando entre a quarta ou quinta posição no total estadual.”

Com o gradativo desenvolvimento da indústria de confecção de vestuário em Cianorte, acarretou sua participação no que o artigo publicado na Revista Paranaense de Desenvolvimento (nº110/2006 por Camaro, Souza e Oliveira) chamou de corredor da moda do Estado do Paraná, “[...] realizou o primeiro estudo caracterizando o corredor da moda do norte do Paraná, o eixo Londrina-Apucarana-Maringá-Cianorte”. Juntas essas cidades produziram em 2003, 130 milhões peças/ano, faturaram mais de 2 bilhões anuais, aglomerando 12 centros atacadistas e um total de 2,4 mil empresas confeccionistas sendo 90% composta por micro, pequena e media empresa (Furlan, 2003).

A identificação desse eixo ilustra ainda mais a importância que o município de Cianorte representou para a região no que diz respeito ao seu desenvolvimento econômico e produtivo. Já a indústria de confecção de vestuário se tornou o sustentáculo econômico do município e segundo alguns relatos de moradores e comerciantes locais, a cidade se “movimenta” conforme a rentabilidade do setor, que depende do resultado de vendas. Essa comercialização ocorre por meio de duas feiras anuais já citadas, que é a Expovest. Há também um aglomerado de shopping atacadista e por fim através de representações comerciais (viajantes que percorrem todo país para vendas por pedido).

Essa indústria de confecção de vestuário de Cianorte possui algumas características muito peculiares, que são enumerados por Fresca e que ela chama de gênese desse setor industrial. De início seu desenvolvimento ocorre pelo “contato imediato próximo”, que na prática é: “a partir do sucesso de uma empresa gerou-se a perspectiva de implantação de outras, sem a existência de uma política ou ações coordenadas” (Fresca pg.327). Outro aspecto é da “gênese das indústrias confeccionistas” que ocorre por meio de uma experiência previa com o ramo e a instalação de uma unidade própria; há também aqueles que exercem alguma atividade e acumulam um pequeno capital (por meio de poupança ou acerto rescisório) e implantam sua própria unidade produtiva (ex-costureira, ex-modelistas, etc.). E por fim aqueles proprietários sem nenhuma experiência, mas com o devido capital para investimento, que abrem sua unidade contratando pessoas com a experiência necessária no ramo, sendo norteadores de suas ações produtivas. A autora ao analisar uma segunda gênese,

com características um pouco diferenciadas, nos revela uma forma produtiva inicial bastante pragmática dessas confecções.

“são basicamente indústrias locais, unidades familiares iniciando suas atividades com pequeno capital e correspondente número de empregados e produção. Essa tem sido a regra seguida pelos confeccionistas: começar pequeno e depois crescer aos poucos. [...] o nascimento de uma empresa confeccionista, regra geral, ocorre com a produção de peças mais simples como camisas, saias e etc. [...] A partir da experiência adquirida, da empresa firmar-se no mercado e obterem lucros passíveis de ser reinvestida, ela passa a implantar outras linhas de produção, como peças de esponte fino e jeans. Para tais produções, há exigências maiores em termos de equipamentos, tecidos, modelagem e, no caso do jeans, o uso de lavanderias industriais.”(Fresca pg.328/329).

É importante colocar em evidência que nesse momento da confecção de vestuário em Cianorte, ocorre um fenômeno muito interessante, que são as denominadas “facções de bico”, composta por trabalhadores domiciliares e informais. Além de trabalharem com a confecção, atuam também na fase de acabamento (pregar botões, passar, casear, embalar, etc.).



Parte do parque industrial de Cianorte/ expovest.com.br

O desenvolvimento produtivo dessas indústrias para o jeans ocasionou um novo salto evolutivo na configuração do município de Cianorte e região. As exigências no processo produtivo de jeans são maiores, mais complexa e necessita também de investimento

tecnológico no que diz respeito a lavagem e aplicação química nas peças. Outro fator e o principal para a pesquisa proposta é a mão-de-obra: pois com a efetivação do jeans em maior escala, houve uma reconfiguração na composição de trabalhadores do ramo de confecção de vestuário em Cianorte. Outrora não havia profissionalismo nessa composição a salvar o setor de criação de modas, responsáveis pelo desenvolvimento de modelos de peças havendo uma necessidade assertiva muito grande, pois caso as peças não entrem no mercado de acordo com o gosto do comprador, isto poderia significar a falência de muitas pequenas e medias empresas. Dessa forma o profissional responsável pelo desenvolvimento desses modelos deve ser graduado em modas, o que resultou na abertura de dois cursos em Cianorte, na UEM e UNIPAR, abrigando alunos das mais diversas regiões do país.

Segundo informações do Plano de Desenvolvimento do Arranjo Produtivo do Vestuário de Cianorte e Maringá (2006) são de que a confecção do vestuário em Cianorte é responsável por 65% dos empregos no município e 14% no cenário estadual posicionando o município como o maior polo confeccionista do país (Marri, 2013).

A indústria previamente pesquisada para enrijecimento do projeto e possível fonte para uma pesquisa futura além de ser o pilar da indústria de confecção em Cianorte, ele comporta em sua historia todas as transformações ocorridas no setor desde sua estruturação no município. Possui ainda todas as divisões sociais do trabalho necessárias para o funcionamento da indústria de confecção de vestuário, ou seja, desde o chamado “chão de fabrica” (costureiros (as), cortadores(as), passadores(as), etc.), passando pela lavanderia com suas especificidades e tecnologias de ultima geração no que diz respeito a efeitos de jeans. Possui ainda toda uma estrutura administrativa necessária para os processos produtivos e comerciais havendo contadores próprios, administradores, setor de TI, representantes de vendas e lojas próprias, possui ainda fabricação de marcas próprias e terceirizadas com contratos de confecção de jeans inclusive com grandes marcas estrangeiras como Calvin Klein, e ainda de acordo com pessoas ligadas ao setor administrativo, esse grupo tem encontrado como maior concorrente para a produtividade a China e os problemas ligados a mão-de-obra. É necessário ainda evidenciar a existência de filiais produtivas em diversas cidades de menores expressões, instalações motivadas pela dificuldade de mão-de-obra no município de Cianorte.



Interior de um setor de produção, o de costura./www.cianoticias.com.br.

De acordo com Marri (2013) a faixa etária dos trabalhadores da indústria de confecção de Cianorte é superior aos 35 anos. Mesmo havendo o ingresso de muitos jovens a partir dos 14 anos no ramo de confecção de vestuário, muitas vezes como menores aprendizes alunos do SENAI, ofertante de diversos cursos que visam auxiliar no suprimento de mão-de-obra minimamente qualificada para o setor em questão. Mas o que tem ocorrido é que esse jovem não tem tido interesse em permanecer no ramo. A indústria em questão por exemplo possui acordo com o SENAI para que haja empregabilidade aos alunos da instituição no sistema de menores aprendizes, no entanto a cada dez alunos a média de três permanece no ramo. Veja o relato de uma aluna do curso de aprendizagem em confecção do SENAI:

“eu faço o curso aqui no Senai no período da manhã. Faço porque minha mãe disse que eu tinha que fazer alguma coisa. A tarde eu trabalho no setor de produção e de noite eu estudo, é muito cansativo e o trabalho não compensa [...] assim que eu puder ou terminar o curso não quero mais sabe disso não, vou tentar estudar quero ser arquiteta” (16 anos).

A preocupação com a ausência de expectativa da mão-de-obra da indústria de confecção de Cianorte é algo que tem se tornado tema de discussão de diversos sistemas ligados ao ramo, como por exemplo, o Firjan e o Sindicato das Indústrias de Fiação, Tecelagem e do Vestuário de Blumenau, observe:

“Com a evolução socioeconômica, as atividades de mão de obra mais intensivas, como na confecção, perdem para as consideradas mais nobres. É o que defende Ulrick

Kuhn empresário do setor e presidente do Sindicato das Indústrias de Fiação, Tecelagem e do Vestuário de Blumenau. Para ele isso é inevitável, pois em especial, o jovem não quer se tornar operário. Para tentar minimizar, algumas empresas, migram para cidades menores, absorvendo mão-de-obra barata de pessoas sem intenção de saírem da região.”

Já no início deste ano (2014) o Serviço Nacional da Indústria- SENAI, tem encontrado grandes dificuldade em fechar turmas para cursos no ramo de confecção de vestuário, ainda que todo trabalho para esse objetivo tenha iniciado no início de dezembro de 2013.

Nessas situações é necessário indagarmos acerca dos fatores motivadores para a não permanência do jovem na indústria de confecção de vestuário de Cianorte. E aqueles que permanecem, possuem perspectiva? Estão satisfeito com o que essa indústria cianortense tem oferecido a eles? Qual sua formação educacional? Há diferenças de pensamento acerca do que o ramo pode oferecer a eles no que diz respeito a remuneração e qualidade de vida, quanto aos que trabalham no “chão de fábrica” com atividades mais intensas e aqueles que fazem parte do corpo administrativo, em que comumente necessitasse de uma formação superior? Qual a composição humana dessa empresa e a relação entre as diversas formações educacionais e diversas faixas etárias?

Dessa forma devemos reiterar a necessidade de traçarmos um paralelo com a pesquisa realizada pelo Professor Dr. Renan Araújo em sua obra **“O novo perfil metalúrgico do ABC, um estudo sobre o trabalho e o modo de vida *“just-in-time”* do metalúrgico jovem adulto flexível (1992-2008)”**. Pois buscamos entender a composição do operariado da indústria de confecção de Cianorte, dando ênfase a figura deste jovem adulto evidenciado pelo professor Renan, em sua pesquisa feita na região do ABC, mas respeitando as devidas proporções com relação a complexidade que as regiões representam no cenário econômico e industrial nacional. Vejamos a abordagem feita pelo professor logo abaixo:

“...para refletirmos sobre as mudanças ocorridas nos últimos 14 anos temos que, em 2004, do numero de operários que compunham o quando total de pessoal na empresa, 42,3% situavam-se na faixa entre 15 e 35 anos de idade”(pg.109)

Ele continua a escrever:

“Ou seja, aqueles que em 2004 tinham 35 anos, em 1990 eram jovens com 21 anos de idade. Esse dado, somado aos 46,03% dos contratados após os anos de 1992 permite a consideração de que, quando comparado, visto como parte de um mesmo processo, os quesitos “tempo de casa” e “faixa etária” amparam nossa hipótese de que esse segmento é a expressão do jovem-adulto flexível

incorporado à empresa no transcurso, no processo de reestruturação da fábrica.” (pg. 109)

No entanto devido ao fenômeno global da informação e disseminação de estilos de vida jovem cada vez mais padronizado a nível mundial, de antemão já podemos encontrar alguns pequenos traços de similaridades entre o indivíduo encontrado pelo professor Renan e aquele que podemos encontrar na indústria Cianortense. Vejamos o relato colhido pelo professor exposto em sua obra e percebemos que parte da rotina dessa menina é similar à da menina citada um pouco acima de 16 anos: *“Durante o curso do SENAI, à noite eu fazia colégio... então eu estudava [...] e depois, das sete e meia da noite até onze horas eu estudava o colegial (ensino médio)”*. (pág. 65)

A rotina de vida de alguns jovens abordados pelo professor Renan, com a prática de trabalho, curso no SENAI ou universitários, cursos de capacitação como idiomas em áreas correspondente ao seu trabalho resultando em pouco tempo para lazer ou família já pode ser claramente encontrado na indústria de confecção de Vestuário de Cianorte. Por outro lado ao abordarmos o Rh das empresas acerca de algumas questões pertinentes ao conhecimento desse jovem, buscando uma abordagem similar ao do professor Renan, fica claro que o setor ainda não se atentou para esses jovens e que pouco se interessam em entender esses movimentos sócios metabólicos que a médio ou longo prazo pode resultar em um grande estrago para o setor produtivo.

“Os jovens-adultos flexíveis, na sua ampla maioria, possuíam diferentes cursos, tais como: cursos de línguas estrangeiras, informática, inúmeros cursos técnicos oferecidos inicialmente na escola SENAI da própria empresa (como mecânica geral), os quais, seguindo a lógica da formação contínua (Lei de Diretrizes e Base para a Educação – 9.394/96), eram constantemente contemplados com outros cursos...” (pg. 109/110).

Assim, ao colocarmos em evidência a importância da indústria de confecção de vestuário da cidade de Cianorte, não somente no cenário regional, mas também estadual e nacional, penso ser de suma importância uma pesquisa aprofundada que aborde a composição dessa indústria bem como suas influências no estilo de vida da população, dando ênfase a figura do jovem adulto abordado pela obra do professor Renan (que se trata de um indivíduo de faixa etária entre 14-35 anos) no que tange organização da vida diária e educacional, envolto no complexo e contraditório mundo do trabalho (em particular a indústria de confecção de vestuário de Cianorte) abrangendo assim aos pilares expostos no artigo primeiro da LDBN/9.394/96:

Art. 1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida Familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Para concluirmos, é necessário salientar ainda que um novo fenômeno tem ocorrido no município, que é a entrada de mão de obra estrangeira em grande numero dadas as proporções da cidade. Recentemente o SENAI/Cianorte, fechou um curso de Francês para Português para 200 haitianos funcionários de uma indústria de gênero alimentício do município. No ramo de confecção do vestuário a empresa que temos conversado possui 75 funcionários recém-chegados de Bangladesh. Há ainda uma lavanderia de médio porte com 30 Indianos. Esse fenômeno é recente havendo a necessidade de nos atentarmos para o seu contexto histórico social e entendermos os fatores motivadores dessa ocorrência e ainda se é possível mensurar os reflexos práticos dessa mão de obra estrangeira.

Objetivos

3. Objetivo geral

Analisar o setor produtivo Industrial do ramo de confecção de vestuário do município de Cianorte, bem como sua composição operária, buscando encontrar o jovem adulto e traçar seu perfil fazendo um paralelo ao jovem adulto flexível do ABC paulista, respeitando as diferenças qualitativas e quantitativas no que tange a complexidade dos polos industriais de cada região.

3.1 Objetivos específicos.

Entender o perfil produtivo e o papel social de uma empresa do ramo de confecção de vestuário do município de Cianorte.

Visualizar a composição do operariado desta indústria, bem como suas diferentes perspectivas e relações sociais.

Buscar compreender onde está situado o jovem adulto desta indústria e sua situação profissional e social, enquanto individuo em formação.

Compreender em que esta fundamentada a noção de realização pessoal do jovem adulto desta indústria e como estão se reproduzindo socialmente.

Analisar os fluxos migratórios das empresas para cidades da região de menor expressão e emigração de mão de obra estrangeira no setor produtivo do município.

4. Do local para o Global

Para demonstrarmos a ligação que há entre o local e o global, norteado pelo pensamento de Antony Giddens, dentro dos dilemas e perspectivas apresentados na indústria de confecção de vestuário do município de Cianorte, nos utilizaremos de algumas edições de uma importante revista bimestral do ramo de vestuário a nível nacional, (Costura Perfeita do grupo CAVEMAC situada em São Paulo- SP), as quais discutem algumas situações que estão de encontro com o nosso trabalho.

A edição de número 71 do ano XV, de janeiro e fevereiro de 2013, traz como matéria de capa a seguinte temática; **Apagão de mão de obra: o que fazer com esse problema?** Logo no início da matéria é evidenciado rapidamente a situação decrescente da mão de obra do setor desde 2011:

“De acordo com dados da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), o pessoal ocupado assalariado no setor do vestuário caiu 8,79% no período de 2011. E a produção nacional na confecção sofreu queda de 10,63% entre janeiro e outubro de 2012 em relação ao mesmo período do ano anterior.” (ano XV Ed. 71 p.20).

A edição ainda traz a participação de alguns especialistas do ramo no Brasil, que tecem seus entendimentos e leituras acerca da problemática, e assim em consonância com nosso trabalho, vejamos o comentário de Ulrich Kuhn, presidente do Sintex Blumenau no estado de Santa Catarina.

“a relação entre mão de obra e desenvolvimento econômico: a evolução socioeconômica de uma região faz com que a atividade de mão de obra intensiva, como a da confecção, perca seu espaço para atividades consideradas mais nobres. “Independentemente de cada região, isso acontece inexoravelmente”, afirmou. Para ele, o crescimento econômico e social faz com que o trabalhador, especialmente o jovem, não queira se tornar operário. E o que tem acontecido é a migração das empresas dos centros industriais para o interior, a fim de reduzir seus custos e também para absolver uma mão de obra mais barata, empregando funcionários que não têm acesso tão fácil a informações de ponta e, ao mesmo tempo, não intencionam sair de sua região.” (ano XV, Ed.71 p.21)

Nos atentemos um pouco mais a citação acima, em uma análise crítica e realista do que está sendo exposto. Neste momento não encontramos tão somente os problemas similares com relação ao município de Cianorte, mas em escala nacional, podemos ver também a intencionalidade dos empresários do ramo, pois assim fica claro que tem sido muito mais cômodo ao setor migrar para outras regiões menores no intuito de se aproveitarem do baixo

desenvolvimento social local, pois dessa forma o operário é menos crítico e com sua formação humana em déficit, não ocasionara problemas de insatisfação com a precariedade ofertada por esses industriais, principalmente ao que tange remuneração e condições de trabalho adequadas. Não havendo a priori nenhum interesse em investir na formação humana, melhorar as condições de trabalho, evidenciando a precariedade e cunho exploratório de mais-valia, onde ainda se encontra absolutamente assentado o ramo de confecção industrial do vestuário, em escala nacional.

Neste caso percebemos que a indústria responsabiliza fatores externos a ela, acerca do problema de mão de obra, como se não houvesse de sua parte nenhuma responsabilidade, assim devemos nos indagar de modo a refletir, até que ponto um setor produtivo que assume esta posição, ira se preocupar com a formação humana de seus trabalhadores? Será que esse tipo de indústria verdadeiramente desenvolve uma região, e quando falo em desenvolvimento, penso em um desenvolvimento que proporciona as regiões heranças incontestáveis e de longa duração, não de fabricas que se instalam e logo após sugarem as forças de uma determinada região vão embora, sem nenhum compromisso social. Para fecharmos aqui a contextualização da falta de mão de obra em território nacional vejamos essa outra citação:

“Pedro Eduardo Fortes, diretor executivo do grupo Júpiter, detentor das marcas Dominica, Kill confecções e Recoleta confecções, diz que a dificuldade de achar jovens dispostos a trabalhar na área de costura existe sim, e que o caminho adotado pela empresa foi contratar profissionais mais maduros, na faixa dos 40 aos 45 anos, como acontece na unidade de Guarulhos, além de dar inicio a parcerias com o Senai, prefeituras e, em breve, uma unidade de formação de profissionais dentro da unidade.”(Ano XV, Ed.71 p. 21).

Vejamos esta outra fala:

“Nossa maior dificuldade são os profissionais antigos, pois temos que produzir com qualidade e agilidade, afinal os chineses estão nos engolindo” (Ano XV Ed.71 p.22).

Nesse momento percebemos a territorialidade da problemática proposta por nosso trabalho, pois a revista nos traz preocupações entre iguais, de regiões distintas, e outra parte ela ainda evidencia que esta situação esta de norte a sul do país. Nesta ultima citação ainda vemos a preocupação com os efeitos do mercado chinês de produção, algo já sentido pelas confecções de Cianorte, pois o relato do RH de uma das empresas do município deixou clara a perda de 40% dos pedidos de produção de uma marca europeia, que migrou esse pedido para a China, para ao fim deste ano de 2014, mensurar onde será compensatório efetivar o maior percentual de produção da marca.

Outra situação que devemos evidenciar rapidamente é a questão salarial, motivo de muita insatisfação entre a classe operaria do ramo aqui abordado e pouco discutido pelas indústrias. Em Cianorte segundo o Sindicato das costureiras, a media salarial do setor é R\$910,00; a revista nos traz ainda informações de outras três regiões além do relato de um representante do setor, sobre o assunto:

“Quando se fala em salario, a polemica se instala. Enquanto alguns defendem que a remuneração é justa, de acordo com o que pode ser ofertado no mercado, outros reclamam dos baixos salários. Em são Paulo, o piso salarial de uma costureira qualificada é de R\$933,00; no Rio de Janeiro, o capital chega a R\$886,28, mas algumas confecções pagam um pouco mais e, para quem resolve trabalhar por conta própria, a média fica em torno de R\$2000,00, segundo informações da Firjan.” [...] “Costumo dizer que salario é assim: pouco para quem recebe e muito para quem paga, devido a quantidade de impostos que o acompanha.” (Ano XV, Ed.71 p.22)

A realidade nacional se mostra mais uma vez em consonância com o que se passa na indústria de confecção de vestuário de Cianorte. Não vou aqui entrar por enquanto no mérito de se este salario é pouco ou muito, por déficit de alguns dados como imobiliários, média de aluguel, quantidade de pessoas por família, trabalhando ou não, para mensurar de forma qualitativa a eficiência ou ineficácia desses valores. Mas vou propor a seguinte reflexão; no trabalho do Professor Dr. Renan Bandeirante de Araújo, traçando o perfil do jovem adulto flexível, esta evidenciado em alguns momentos as atividades no que tange a formação humana dessa figura. A obra de Araújo nos traz um relato de vida de um jovem da seguinte forma:

“[...] Durante os períodos das aulas eu não tinha tempo pra nada, quando eu estava na faculdade eu não tinha tempo pra nada [...] Quando eu fazia faculdade eu não tinha tempo para muita coisa, eu saía da empresa... jantava ali na empresa mesmo, tomava um banho já ia direto pra faculdade. Eu chegava na faculdade em torno de seis e vinte... chegava uma hora antes preparava algum relatório que tinha que entregar... tinha muito relatório pra entregar... muita lição, estudava alguma coisa. As aulas começavam a sete e dez, ia até vinte duas e quarenta. Quando chegava em casa preparava algumas coisas pro dia seguinte... a faculdade foi muito corrido. Era neste horário de segunda a sexta, ao sábados de manhã, depois ia direto pro curso de inglês [...] Eu gostava de fazer cursos de matemática aplicada, então era domingo de manhã das sete e meia ate duas horas e meia, três horas da tarde... tinha aula de oito horas... tinha que

levar marmita (risos...), [...] isso foi de 1998 até o ano passado (2006). Inglês eu estudei mais de sete anos, alemão quatro anos”.(Araújo, p.62).

O que proponho para nossa reflexão é a qualidade da formação humana educacional desse jovem apresentado no trabalho do professor Renan, que faz um curso de graduação, tem formação em inglês e alemão e ainda investe em um curso de ciências aplicadas, ou seja, possui uma ampla qualidade formativa para competir no mercado de trabalho, uma necessidade da vida na lógica incorrigível do capital. Nesse caso uma das reclamações do setor, que está evidenciada um pouco acima é o fato do jovem não ter interesse em permanecer no setor de confecção de vestuário. No entanto será que esse jovem, sendo pago pela média salarial aqui apresentada, tem condições de obter uma formação humana qualitativamente à altura do jovem adulto do ABC paulista?

Uma outra evidência de que o setor possui sérias dificuldades no que tange a oferecer condições ideais de trabalho e remuneração adequada a formação humana e consequentemente um saudável desenvolvimento regional, fica clara na matéria de capa da edição 77 de janeiro/fevereiro de 2014, ano XV que evidencia o seguinte título: **Trabalho escravo coloca grandes magazines e marcas consagradas numa rede de denúncias que não cessam**. Observe esse trecho da matéria:

“Esse crescente efeito dominó expande-se cada vez mais, já que as denúncias de trabalho escravo na indústria da moda não param. Grandes redes e grifes de renome, como Zara, Marisa, Pernambucanas, Gregory, Collins, C&A, as marcas Cori e EMME, da Luigi Bertolli, e até M.Officer –denunciada em novembro passado- entraram na mira do Ministério do Trabalho depois de serem acusado promover o trabalho escravo em oficinas de costura.” (Ano XV. Ed 77 p.25).

É necessário evidenciar que umas das marcas denunciadas acima possui parte de sua produção na indústria de confecção de vestuário em Cianorte, e essa ligação com o trabalho escravo é evidente que suscita a discussão se os industriais desse ramo estão com algum tipo de preocupação com a formação humana com qualidade e desenvolvimento das regiões onde acabam por se instalarem.

Outra alternativa tem sido empregar imigrantes de regiões menos favorecidas, e que estão dispostos a aceitar as precárias condições impostas. Em Cianorte isso tem acontecido com Haitianos, pessoas vindo de Bangladesh, entre outros. Essa prática parece que vem se tornando comum ao ramo, dado a matéria de capa da edição 78, de março/abril 2014, que mostra o acolhimento de Bolivianos em outras regiões: **A Bolívia é aqui – Setor**

confeccionista abriga quase todos os imigrantes bolivianos que chegam ao Brasil em busca de uma oportunidade de crescimento.

Portanto, fica evidente em nosso trabalho que as problemáticas propostas em nossa e pesquisa e que esta sendo desenvolvida, é de suma importância não somente para o cenário municipal o regional, que a proposta deste programa de mestrado, mas esta conectado com a realidade nacional e global, situando sua importância e validade. Assim temos também como intuito promover a valorização dos programas interdisciplinaridades e pesquisas regionais, mas que não fiquem particularizadas, mas sejam expostas em cenário nacional, pois em período da historia que tem sido pautado por redes e sistemas interligados, estando cada vez mais complicado encontrar situações que estejam isoladas não havendo influencia no âmbito global que possa influenciar o global.

Referencias Bibliográficas

ARAÚJO, Renan. **O novo perfil metalúrgico do ABC: um estudo sobre o trabalho e o modo de vida “just-in-time” do metalúrgico jovem-adulto flexível (1992-2008).** Campo Mourão: Ed. Fecilcam, 2012.—172p.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital.**—2ed.—São Paulo: Boitempo,2008.—126p.

HOBBSAWN, Eric J.,1917-2012. **Tempos Fraturados.**—1ed.—São Paulo: Companhia das Letras,2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos.**—Rio de Janeiro: Zahar,2007.

FRESCA, Tania Maria. **A rede urbana do norte do Paraná.**—Londrina:Eduel,2004.

MARRI, Jucelene V. **Indústria da confecção: Em destaque a profissão costureiro do vestuário.** Pós-graduação Lato Sensu – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial do Paraná. —Cianorte, 2013.

Prefeitura Municipal de Cianorte. <http://www.cianorteroteirodecompras.com.br/ultimas-noticias-cianorte/43-cianorte-capital-do-vestuario.html> (02/01/2014)

Prefeitura Municipal de Cianorte. http://www_cianorteroteirodecompras.com.br/conheca-cianorte (02/01/2014)

Governo do Paraná. <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio=87200> (12/11/2013)

IBGE. <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=410550> (12/11/2013)

BORIELLO, Silvia. Apagão de Mão de obra: O que fazer? **Costura Perfeita**, São Paulo (SP), Ed. 71, Ano XV, p.20-27, Janeiro/Fevereiro,2013.

BORIELLO, Silvia. A Bolívia é aqui – Setor confeccionista abriga quase todos os imigrantes bolivianos que chegam ao Brasil em busca de uma oportunidade de crescimento. **Costura Perfeita**, São Paulo (SP), Ed. 78, Ano XV, p.24-33, Março/Abril, 2014.

BORIELLO, Silvia. Trabalho escravo coloca grandes magazines e marcas consagradas numa rede de denúncias que não cessam. **Costura Perfeita**, São Paulo (SP), Ed. 77, Ano XV, p.24-35, Janeiro/Fevereiro,2014.

BORIELLO, Silvia. Oque está acontecendo com o setor confeccionista brasileiro? **Costura Perfeita**, São Paulo (SP), Ed. 76, Ano XV, p.24-36, Novembro/Dezembro, 2013.

BORIELLO, Silvia. Maringá – Conheça todo o potencial desse polo de confecção. **Costura Perfeita**, São Paulo (SP), Ed. 75, Ano XV, p.24-32, Setembro/Outubro, 2013.

GIDDENS, Antony. Os contornos da alta modernidade. In: ____. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p.9-38.

GIDDENS, Antony. É a modernidade um projeto ocidental. In: ____. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991,p.37-74.